

uma forma única de conhecimento que, sendo difícil de identificar e circunscrever, se revela indispensável. Sabemos que há historiadores que menosprezam a produção literária. Sabemos ainda que outros a convocam ocasionalmente embora esquecendo a sua especificidade. É necessário corrigir esta situação. Tal como o conhecimento do contexto ajuda à boa exegese dos textos, também o circuito inverso se deve cumprir: a análise e a interpretação das obras literárias no quadro que lhes é próprio ajuda ao estabelecimento de uma visão integrada e plural dos fenómenos humanos de qualquer época.

José Augusto Cardoso Bernardes

<https://orcid.org/0000-0002-8019-2465>

https://doi.org/10.14195/2183-847X_9_17

**CARTAS DE PROPOSTA E DE RESPOSTA.
CORRESPONDÊNCIA COMPLETA ENTRE
O PADRE ANTÓNIO VIEIRA E O
MARQUÊS DE NISA**

CARLOS MADURO (ORG.)

**Santa Maria da Feira: Edição do autor, 2017
360 páginas. ISBN 9781549656774**

O livro *Cartas de Proposta e de Resposta. Correspondência Completa entre o Padre António Vieira e o Marquês de Nisa* organizado por Carlos Alberto de Seixas Maduro é mais um estudo fundamental para os estudos de epistolografia e expressa uma contribuição decisiva para a atualização do epistolário de António Vieira.

Doutor em Literatura Portuguesa, professor do quadro do Agrupamento de Escolas de Santa Maria da Feira, investigador e escritor, finalista do prémio *Leya* 2008, Maduro dá continuidade a um projeto iniciado em 2000, proposto e orientado ao longo de uma década por Aníbal Pinto de Castro. Deste trabalho resultou a defesa de uma tese de doutoramento, publicada com o título de *As artes do não-poder. Cartas de Vieira: um paradigma da retórica epistolar do barroco* (2012), e a coordenação geral do tomo I da *Obra Completa do Padre António Vieira*, volumes relativos à epistolografia, publicada pelo Círculo de Leitores (2016). Partindo da mesma linha de investigação, a presente edição é uma resposta a outras leituras académicas.

No palco barroco do mundo, eis que encontramos o Padre António Vieira escrevendo cartas aos seus destinatários, correspondendo-se com personalidades situadas num tempo e numa história mundana. Um dos méritos do livro é justamente de dar-nos a conhecer a resposta do destinatário, que aqui não se trata de uma personagem anónima, mas de uma figura histórica: o ilustre embaixador Marquês de Nisa, D. Vasco Luís da Gama. Personagem emblemática da cultura portuguesa, epistológrafo competente a quem não tem sido dada a devida atenção.

No século XVII, ao contrário da magistratura de carreira, os diplomatas eram escolhidos pelo perfil e fidelidade ao seu rei. Não havia normas rígidas de

atuação e também não havia regras para a elaboração de uma carta diplomática. A troca epistolar entre Vieira e o Marquês de Nisa não ficou circunscrita aos assuntos diplomáticos. Não admira, pois, que nestas correspondências se misturem os mais variados assuntos, desde os pessoais aos mais altos segredos de estado escritos em cifra.

Ao lermos o *corpus* textual, não podemos confirmar ao certo de quem partiu a iniciativa, provavelmente de Vieira, de enviar a primeira carta, a que damos o nome de *proposta*. Sabemos apenas que Vieira andava, nesse período, vestido de embaixador, de espada à cintura e, ao que se diz, inclusive de bigode. Ainda que levasse vantagem no jogo da retórica, o jesuíta pisava terrenos que não lhe pertenciam propriamente e os resultados não foram os mais satisfatórios.

O Marquês de Nisa, por sua vez, era mais experiente em assuntos de estado, um homem bem mais exigente e cuidadoso na contabilidade e registo documental dos negócios do reino. Com o passar dos anos, o diálogo epistolar entre os dois amigos ausentes foi se alargando, uma amizade foi sendo construída, amizade esta que passou inclusive por momentos de competição e rivalidade.

Seja a celebrar conquistas ou a amargar derrotas, os dois carteadores não trocavam apenas cartas, mas também pareceres, conselhos, discutiam política, filosofia, direito, religião, aprovavam e refutavam autores e opiniões,

negociavam todo género de diligências. No intrigado jogo do xadrez diplomático, os dois compatriotas estavam sempre dispostos a “mover a artilharia” em direção aos inimigos em comum, a planejar estratégias de guerra e a colocar um freio nas ambições desmedidas da França mas, sobretudo, estavam interessados em selar a tão sonhada e necessária paz.

No caso específico da política interna portuguesa, e de seus governantes que acenavam com promessas que muitas vezes não se cumpriam, não foi diferente: os dois representantes do reino foram obrigados a se submeter às mal dispostas ordens de Portugal, a “navegar em águas revoltas”, a suportar as intrigas da corte, censuras, ameaças veladas e declaradas e a sobreviver a tempos que se prognosticavam fomes e enfermidades. No exercício do bem comum, foi preciso saber coexistir com os mais diversos antagonismos.

Em meio a tantos padecimentos foi necessário ainda interferir no destino das colónias, assistir o “desassistido Brasil” em todos os seus males. Atuantes na política de defesa do espaço territorial conquistado, o jesuíta e o embaixador eram dois homens guiados por uma razão de estado e tinham uma imensa preocupação em manter a sua colónia da América portuguesa pela sua importância económica e estratégica no Atlântico.

A correspondência aqui apresentada circunscreve-se unicamente às cartas

troçadas entre o Padre António Vieira e o Marquês de Nisa e faz a compilação de todas as cartas que conhecemos, até ao momento, e podemos considerá-la praticamente completa. O texto foi fixado e atualizado a partir do cód. CVI/2-12,7 da Biblioteca Pública de Évora para a correspondência de Vieira, um conjunto manuscrito constituído por 42 missivas, que cobrem o período de duas missões diplomáticas de Vieira ao norte da Europa e a França, entre 3 de março de 1646 e 26 de setembro de 1648. A correspondência do Marquês foi atualizada e publicada integralmente pela primeira vez a partir do cód. manuscrito CVI/2-4 da Biblioteca Pública de Évora, constituído por minutas da Correspondência do Almirante.

Não resta dúvida de que Vieira e o Marquês de Nisa são os protagonistas neste conjunto representativo de cartas, mas engana-se quem pensa que encontrará apenas o jesuíta e o diplomata como figuras históricas representativas do século XVII. Somos surpreendidos com uma galeria de personagens não menos ilustres, deparamo-nos, por exemplo, com o poderoso cardeal Mazarino e Ana de Áustria, personagens estas que continuam a povoar o imaginário da literatura e do cinema.

Leitura acessível a todo o género de públicos, a presente edição procurou manter o máximo rigor possível no respeito pelos autores das cartas, o estilo próprio da época e procurou assegurar uma legibilidade dos textos que permi-

tisse aos restantes leitores uma fruição efetiva da prosa barroca seiscentista. Para isso, foi necessário modernizar a transcrição dos textos originais em várias vertentes: lexical, ortográfica e pontuação.

Para maior compreensão do diálogo epistolar entre os dois interlocutores foi preciso alterar pontualmente a ordem cronológica das cartas, isto é, a correspondência foi disposta alternadamente, dando assim cumprimento ao título desta publicação, “cartas de proposta e de resposta”. Ainda no que diz respeito à orientação da leitura do *corpus* textual, devemos esclarecer que o livro é dividido em duas partes:

A 1.ª missão diplomática: A correspondência enviada durante a primeira embaixada tem um interesse relativo no conjunto da correspondência trocada com o Marquês de Nisa, dado o pequeno número de cartas de que temos conhecimento. No entanto, importa realçar que a carta enviada de Paris a 25 de fevereiro de 1646 inicia toda a correspondência particular de Vieira, constituindo-se assim na primeira entre um conjunto de 761 cartas;

A 2.ª missão diplomática: A correspondência enviada durante a segunda embaixada engloba a maioria das cartas e foi agrupada em cinco momentos, de acordo com os assuntos tratados:

A Correspondência iniciada a 20 de dezembro de 1647, o tempo dos negócios: O Marquês de Nisa dá expediente aos negócios inerentes ao cargo que desempenhava há largos anos, não deixando

de comentar situações caricatas em que o recém-chegado companheiro de negócios (Vieira) estava envolvido;

A correspondência iniciada em março de 1648, o estilo familiar: Nesta fase a correspondência tornou-se mais familiar, iniciando uma simpatia mútua que talvez se baseava mais na fama que Vieira já tinha adquirido enquanto pregador do que propriamente como diplomata;

A Correspondência de abril, o acerto de contas: O Marquês de Nisa bem mais cauteloso do que Vieira, pede contas ao jesuíta e o adverte de uma forma muito clara em relação aos gastos com o dinheiro público;

A correspondência de junho, os assuntos do mundo e do reino, uma conversa entre amigos ausentes: Mesmo não tendo recebido o merecido reconhecimento, é perceptível que Vieira e o Marquês de Nisa procuraram representar o reino de forma exemplar, apesar de nem sempre terem estado do mesmo lado do jogo diplomático, estavam próximos e unidos pela dedicação com que sempre tinham servido a Pátria;

Correspondência de agosto, a conclusão do diálogo epistolar: A correspondência remetida nesta época demonstra que ambos estavam a preparar as respetivas partidas e os negócios já teriam passado para as mãos de novos atores. Era o tempo das despedidas, dos balanços e dos comentários. A 26 de setembro de 1648, terminava esta correspondência trocada entre os dois epistológrafos.

A conclusão preliminar deste diálogo epistolar, hoje lançado ao mundo, aponta que as cartas trocadas entre os dois cartadores não se limitam a dar notícias, são reveladoras de um projeto de organização política que deixou, em muitos aspetos, resquícios na organização administrativa do Estado moderno, expõem de forma exemplar todos os meandros de uma carto(grafia) do poder.

Devemos lembrar ao nosso leitor que a pesquisa epistolar é um espaço aberto, sempre novas cartas poderão surgir, uma nova documentação referente a este e a outros períodos posteriores poderá aparecer e novas hipóteses serão levantadas.

Sáimos persuadidos de que esses dois personagens amaram acima de tudo servir a Pátria: Portugal, podemos afirmar que encontramos na leitura das cartas dois grandes patriotas. Resta-nos convidar o leitor a participar de uma verdadeira viagem em pleno século XVII e a testemunhar o encontro e o cruzamento de gentes de todos os mundos. Como declarou Maduro em sua introdução: “Quando temos entre mãos um trabalho que julgamos válido e importante e à nossa frente a maior janela do mundo, manda a honestidade intelectual e a solidariedade científica que o partilhemos com todos quantos admiram o ilustre Jesuíta”.

Maria Regina Barcelos Bettiol

<https://orcid.org/0000-0003-2155-1840>

https://doi.org/10.14195/2183-847X_9_18